

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA B1. Trupe esteve em São Paulo recentemente e próxima parada deve ser no Rio de Janeiro, no Festival Panorama

COMPANHIA BUSCA INTEGRAÇÃO COM SABERES DOS MESTRES POPULARES

LARISSA BASTOS
REPÓRTER

É exatamente nisso, pesquisa, que a Companhia dos Pés promete se focar. Nada, claro, que já não viesse sendo feito antes – o que chamou atenção, inclusive, do Itaú Cultural, em São Paulo, onde a trupe se apresentou no último mês de agosto. Além do espetáculo, os alagoanos participaram ainda, junto com outro grupo de Pernambuco, de uma discussão sobre a relação entre o corpo e os movimentos da cultura.

A ida à capital paulista aconteceu a partir de um convite da então coordenadora de Artes Cênicas do instituto, Sônia Sobral, que havia assistido “Dança baixa” em um ensaio aberto para alunos de uma faculdade de dança. “Convidei algumas pessoas para assistir, uma delas a Sônia. Estávamos lá para pôr o trabalho em discussão. Ela conheceu o trabalho e convidou a gente para o evento junto com outro grupo de Recife que também trabalha a relação com a cultura popular”, conta Telma César, criadora e diretora da companhia.

A próxima parada, agora, é no Rio de Janeiro, onde eles participam do Festival Panorama, um dos mais importantes de dança contemporânea no Brasil. O evento acontece em novembro, com a proposta de ocupar a cidade com dança e projetos dos mais variados formatos, e o convite veio a partir da repercussão com o que foi apresentado no Itaú.

Além disso, a Cia. também já esteve em Recife e em João Pessoa, Fortaleza e Salvador, esses últimos em uma turnê com a montagem mais recente. Juntando ela com a versão anterior, “Encontros”, a obra já está há três anos em cartaz, algo que Telma considera uma vitória para os padrões alagoanos, onde geralmente se ensaia um ano para apenas ficar alguns dias em cima do palco.

“Estreamos no Teatro Deodoro, fizemos temporada na Pinacoteca, no Misa [Museu da Imagem e do Som de Alagoas], no Iphan [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional], apresentamos no Palco Giratório, do Sesc, por dois anos, fomos para Recife, fizemos uma turnê no Nordeste. Estamos com o mesmo espetáculo há muito tempo, então acho que conseguimos algo bem importante”.

E a intenção, segundo ela, é fazer uma nova temporada, o que vai depender, principalmente, de incentivos governamentais. “Estamos esperando que saia o fomento local, da Prefeitura de Maceió, para que possamos inscrever o trabalho. Quem sabe não conseguimos?”, diz ela, que também apresentou o espetáculo há uns dias no Colóquio Internacional de Artes Cênicas da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

Nesse meio tempo, enquanto espera por novos tabladados, a companhia aproveita para desenvolver mais linhas de pesquisa. Paralelo aos questionamentos sobre o lugar das danças populares socialmente e o da dança contemporânea, os dança-



Dançarinos no palco em ‘Encontros’, espetáculo vem sendo apresentado há três anos



TELMA CÉSAR
CRIADORA DA CIA DOS PÉS

“Desde a implantação do curso de Dança, muita coisa mudou, mas de uma maneira geral ainda falta fomento local. Isso não existe e é muito cruel; não se constrói uma cena. As pessoas que tentam produzir independentemente têm dificuldade. Tem muita gente dançando em Maceió, mas não se configura uma cena, nem um circuito cultural”

rinos vêm levantando também outro tema: as normas da formação mais tradicional em dança. Aí, entram itens como o lugar onde se dança – ou o famoso palco italiano – e a relação frontal de bailarinos-plateia.

“Estou radicalizando algumas questões que são tidas como normas; tenho procurado sair do formato do palco italiano, dessa relação frontal. Em termos do corpo, também tenho procurado fugir muito desse eixo ereto da coluna, experimentando movimentos mais barrocos, contorcidos. Valorizar mais o volume que a linha, coisas que vejo muito mais presentes nas danças populares. “Dança baixa” tem muito a ver com isso, fazemos movimentos mais próximos ao chão. Tenho aprofundado cada vez mais a questão que entrei em contato desde o início do trabalho, que é trabalhar com dançarinos como criadores do próprio trabalho, a singularidade do que fazem”.

POPULAR X CONTEMPORÂNEO

A dualidade – com a qual Telma não concorda – entre popular e contemporâneo também é sempre um dos ângulos pesquisados com minúcia pela Companhia dos Pés. O fazer dos artistas locais, porém, fica não só nos estudos, mas vai também

para as apresentações, recheadas de coco de roda, capoeira, guerreiro, frevo, cavalo marinho, cacuriá e tantas outras encontradas ao longo do caminho.

A diretora do grupo diz não enxergar os dois aspectos da arte da dança como vertentes distintas, mas sim como dois “lugares sociais”. Isso faz com que, segundo ela, sejam criados abismos que levam as pessoas a não enxergar o saber de raiz como arte, mas sim como folclore ou “qualquer coisa que não sabemos muito bem o nome ou o que é”.

“Cada vez mais acho que fica sem sentido essa nomenclatura, arte x, arte y. Acho que isso faz com que muitas vezes a dança popular não faça parte do processo de formação de um dançarino profissional. Existe uma hegemonia da ideia do que forma o dançarino profissional. Quando digo isso, não estou negando toda a história da dança cênica mundial; pelo contrário, a companhia faz uso das técnicas europeias e americanas. Mas por que isso está em um lugar e nossas danças estão em outro, renegadas?”.

Indo na contramão disso, o coletivo criado por ela procura levar o fazer ancestral – justamente da gente forjada pelas águas e a partir delas – para um lugar de destaque. Muito mais que aprender os passos, o interesse é pelo modo de fazer dos mestres, pelo conhecimento por eles carregado. Essa relação, diz a pesquisadora, é o que mais interessa. Levar isso para que o público veja, entretanto, não é algo pensado, mas sim natural. Algo que sai do próprio corpo.

“A gente dança essas danças, conhece essas danças. Então quando vamos criar, as danças estão lá, elas aparecem para que possamos nos comunicar. A gente dança porque gosta, porque faz sentido dançar as danças populares e entendemos que é um conhecimento que nos potencializa muito enquanto criadores. Elas estão lá assim como as outras técnicas que usamos.

É um discurso político no sentido de dar visibilidade, nos dar visibilidade”, complementa.

SEM FOMENTO

Telma opina ainda que, para que esse movimento – o de se dar visibilidade – fosse mais forte, seria necessário algo que parece faltar em todo o campo das artes em Alagoas: fomento. Com subsídio federal desde 2008 (o que só não aconteceu este ano), ela diz sentir a ausência de outro incentivo, o local. Algo que, apesar da melhora com a abertura do curso de Dança, em 2007, ainda vem prejudicando a cena alagoana.

“Desde a implantação do curso de Dança, muita coisa mudou, mas de uma maneira geral ainda falta fomento local. Isso não existe e é muito cruel; não se constrói uma cena. As pessoas que tentam produzir independentemente têm dificuldade. Tem muita gente dançando em Maceió, mas não se configura uma cena, nem um circuito cultural”.

Ela diz não saber ainda se a criação da tão sonhada cena está próxima ou distante e lamenta que a Mostra Alagoana de Dança, que acontece com uma certa regularidade, não vá ser realizada este ano. Enquanto o cenário ideal não chega, porém, Telma e a trupe vão trabalhando na nova montagem, “Dança anfibia”. O objetivo, conta, é se relacionar com a metáfora criada por Gilberto Freyre.

“Estamos nos relacionando com essa metáfora dele e que o Dirceu Lindoso disseceu de uma maneira bem interessante. Quero muito me relacionar com isso, de ser o alagoano uma gente anfibia, essa ideia de ambivalência. O que tem de ambivalente em mim? Essa metáfora está relacionada a uma característica do ambiente e da cultura em que vivo”, resume.

Então, é esperar para ver onde vai dar mais essa inspiração – embasada na relação entre lagoas, mares, rios e a gente alagoana – na comemoração de debutante da companhia. ☉

‘O popular é minha história’

“A história com a companhia foi muito parecida com a do Edson e da Joelma, que são os outros dançarinos. Eu era aluno do curso de Teatro e, eles, do curso de Dança. A Telma lançou o convite para participar do Poética da Cidade e participamos. Em uma seleção natural, nós fomos ficando dentro do trabalho. A partir daí, viemos trabalhando desde os outros espetáculos até agora. O que acho mais importante na companhia é o modo como o dançarino é visto dentro do trabalho. Tem um jeito de trabalhar que é de dar autonomia ao dançarino. A busca é por essa ideia, fazendo com que tenhamos a possibilidade de ir nos construindo durante o próprio trabalho. Temos a possibilidade de nos colocar diante do trabalho. Quando entrei no curso de Teatro, muitos professores eram formados em Dança, então minha relação começou aí. Com o início do curso de Dança, comecei a pagar várias matérias para ter uma formação mais técnica, direcionada. Mas meu trabalho nessa área vem com a Companhia dos Pés. Antes tinha feito um espetáculo na Companhia Súdaveis Subversivos e outro na Companhia Ilimitada, mas é aqui que vou me construindo como dançarino. Tem sido um processo muito saboroso, até porque as ideias de dança e movimento convergem muito. Pensar uma relação política em relação à dança é algo que me interessa e que fazemos muito, inclusive levando para o palco com essa discussão de contemporâneo e popular, que são dois abismos que as pessoas colocam. Quando estou dançando, a ideia não é levar o popular para o palco, mas entrar em contato com esse universo, que é da minha própria história, e deixar ele me tomar. Na hora que eu vou pro palco, ele aparece de alguma forma. É um lugar muito importante de dar visibilidade, colocar o popular no mesmo lugar que outras técnicas de dança. O lugar da cultura popular é visto sempre como mais inferior. Aqui em Alagoas é bem difícil ser dançarino; sou professor de dança, porque não tem como sobreviver sendo dançarino. Só que passei muito tempo fazendo teatro, mas, quando comecei a fazer dança, a dança me tomava de um jeito que consegui dar muito mais sentido aí. Era mais vital fazer dança do que teatro e ser dançarino está aí, é vital. É como eu consigo me comunicar”.



Regis Oliveira, dançarino da companhia desde 2009